

# O SEIXO DE SEIXAS: PRELÚDIO AO NOVO AEON

Vitor Cei Santos

Mestrando em Estudos Literários/ Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: A partir de uma interpretação da canção “Novo Aeon”, do LP homônimo lançado em 1975, o texto visa mostrar que Raul Seixas fez de sua criação poética o espírito social de sua época. Filho do pós-guerra, ele acompanhou a proliferação dos movimentos contraculturais que se contrapunham à racionalidade moderna. Quando o vento voou e varreu as velhas ruas, o mundo pôde vislumbrar o início de uma nova era.

Palavras-chave: Música Popular Brasileira – Crítica e interpretação; Pós-modernidade; Novo Aeon; Raul Seixas.

Abstract: According to an interpretation from the song “Novo Aeon”, from the homonym LP released in 1975, the text aims to show that Raul Seixas made from his poetical creation the social spirit from his time. Son of the postwar period, he followed the proliferation of the contracultural movements that were opposed to the modern rationality. When the wind flied and swept the old streets, the world could glimpse the beginning of a new age.

Key words: Brazilian Popular Music – Criticism and interpretation; Postmodernity; New Aeon; Raul Seixas.

Na primeira metade do século XX, a aliança entre a voracidade do mercado mundial em crescente expansão e a racionalidade moderna destruiu todas as barreiras morais existentes, gerando duas barbáries de impacto planetário: a I e a II Guerras Mundiais. Duas cidades, uma polonesa e outra japonesa, simbolizam o terror da época: Auschwitz e Hiroshima, o holocausto e a bomba atômica. A barbárie das guerras colocou em cheque o projeto moderno, capitalista e racionalista. A razão, que pretendia abolir o irracional, tornou-se ela mesma uma irracionalidade opressora e destrutiva.

Na manhã do dia 28 de junho de 1945 nasceu, na cidade de Salvador, Raul Santos Seixas. Filho do pós-guerra, ele cresceu sob influência da nova racionalidade que estava se manifestando. Como reações à tradição moderna, ocorreram diversas transformações na literatura, nas artes, na filosofia, na ciência e nas sociedades. O mundo pós-guerra,

globalizado, contemporâneo, passou a ser chamado de pós-moderno. Nas palavras de Krishan Kumar:

O 'pós' de pós-modernidade é ambíguo. Pode significar o que vem depois, o movimento para um novo estado de coisas, por mais difícil que seja caracterizar esse estado tão cedo assim. Ou pode ser mais parecido com o *post* de *post-mortem*: exéquias realizadas sobre o corpo morto da modernidade, a dissecação de um cadáver. O fim da modernidade é, segundo essa opinião, a ocasião de refletir sobre a experiência da modernidade; a pós-modernidade é esse estado de reflexão. Neste caso, não há uma percepção necessária de um novo começo, mas apenas um senso algo melancólico de fim (KUMAR, 1997, p. 79).

A pós-modernidade, quando adota esse nome, demonstra uma vontade de exaustão e superação do moderno. Umbilicalmente ligada à modernidade, a pós-modernidade ganha expressão própria se posicionando contra os valores modernos. Enquanto os modernos preservaram valores aristocráticos, separando as massas da elite, o popular do erudito, a sociedade pós-moderna busca o caminho inverso, eliminando as fronteiras entre as culturas popular, erudita e de massas. Se atualmente o **funk** e o **rap** saem das favelas para os ambientes freqüentados pelas classes médias e altas, já em 1959, Raul Seixas, então adolescente de classe-média, fundou o **Elvis Rock Club**, freqüentado por estivadores e empregadas domésticas, pois “menina de família não dançava *rock*” (SEIXAS, apud BAHIANA, 2003, p. 17).

Se o moderno ansiava pelo progresso, dissolvendo as tradições antigas no vórtice do mercado mundial, como explicam Marshall Berman (2003) e Krishan Kumar (1997), a sociedade contemporânea pratica uma eclética e divertida mistura de tradições antigas e novas. O ecletismo e a moda retrô são pastiches que estereotipam e brincam com os estilos do passado. Raul Seixas, ao longo de sua carreira, assumidamente usou e abusou do pastiche: “Eu já passei por Elvis Presley/Imitei Mr. Bo Diddley”, ele canta em “Eu também vou reclamar” (SEIXAS, 1976). E o ator, como ele gostava de se denominar, também fez pastiche de Little Richard, Jerry Lee Lewis, Bob Dylan, Luiz Gonzaga, Aleister Crowley, Beatles, dentre outros.

Segundo Jean-François Lyotard (2002), o tripé das autoridades modernas – pai, ciência e ética – perde legitimidade. O **pater**, autoridade na família e no Estado, é destronado, a

ciência passa a dividir seu espaço com práticas do tipo esotérico e a ética universal impositiva é substituída pelo pluralismo normativo. Raul Seixas, avesso a qualquer tipo de autoridade, afirmou: “Cada qual é seu próprio dono e juiz, livre pra fazer e dizer o que nasceu pra ser” (SEIXAS, 2005, p. 100).

Uma das principais características da pós-modernidade é o rompimento das linhas divisórias entre as diversas atividades humanas e estruturas sociais. Se no mundo moderno cada instituição (Estado, Igreja, Família, Escola, Mercado) ocupava um lugar específico e cada arte obedecia a certas fronteiras, atualmente não há territórios marcados. O clima geral, segundo Alfredo Bosi (1996), é de pluralismo de viradas, em que o vale-tudo do consumo cultural favorece e multiplica. A poética de Raul Seixas é um mosaico exemplar dessa condição pós-moderna. Ele mistura, em sua obra, poesia e música, filosofia e astrologia, ocultismo e religião, crítica social e desbunde, tudo regado ao uso de drogas lícitas e ilícitas.

Domício Proença Filho (1988) explica que a literatura pós-moderna tem as seguintes características principais: intensificação do ludismo; intertextualidade; cultivo do pastiche, fim da fronteira entre o erudito e o popular; metalinguagem; destaque para a oralização do poema e uso das mídias digitais. Alfredo Bosi acrescenta que a literatura pós-moderna é violentamente projetiva:

Ora, a visada projetiva diz [...]: a poesia vale como pura explosão do desejo, da paixão, do capricho individual, do sexo à flor da pele, do instinto de morte, dos lances do acaso e das contingências a que se reduz a maior parte de uma biografia. “Poesia”, diz um desenvolvimento pós-moderno da Califórnia, “é tudo quanto eu quero chamar de poesia”. Descarta-se com uma penada a função simbólica, universalizante e mediadora, da palavra literária e das redes culturais, tudo em favor da gestualidade selvagem da voz ou da letra (BOSI, 1996, p. 40).

Gestualidade selvagem é justamente o que Raul fazia (sem abrir mão da função simbólica e mediadora da palavra): “Eu gosto é desse cum-pá-cum-cum, é a única coisa que eu sei fazer, se adapta exatamente. Eu consigo escrever meu livro colocando dentro dessa música, desse ritmo tribal, porque o que eu falo é tribal” (SEIXAS, apud BAHIANA, 2003, p. 28). Quase todas as outras características da literatura pós-moderna se encontram na obra poética de Raul Seixas: o ludismo é tão exacerbado que

chega ao desbunde; a intertextualidade aparece nas adaptações e glosas que ele fez de canções e textos alheios; a ausência de fronteira entre popular e erudito, nacional e estrangeiro, é marcante; a oralização do poema, com uso das técnicas de reprodução, é evidente; sobre a comunicação projetiva, ele afirma: “Música é apenas a vomitada de cada pessoa, uma cusparada. É a expressão de cada um (SEIXAS, apud BAHIANA, 2003, p. 27).

Outra característica pós-moderna é o niilismo herdado dos modernos. O desenvolvimentismo que tem origem na modernidade, agindo como um verdadeiro torvelinho em perpétua desintegração e renovação, vem provocando a perene sublevação e renovação de todos os modos de vida pessoal e social, profanando e dissolvendo todos os valores anteriormente estabelecidos. Diante desse vazio de valores, nasce o niilismo. Lyotard (2002) explica: os meios da ação subjugarão seus fins. O “como fazer?” é o que interessa. O “por que fazer?” não importa mais. A verdade não importa. A questão primordial é: “isto é vendável?”. O niilismo é, resumindo, um enorme vazio de valores em meio à desconcertante abundância de possibilidades que o mercado globalizado e a técnica proporcionam. As velhas formas de honra e dignidade, de ética e moral, são incorporadas ao mercado, ganhando etiqueta de preço, como mercadorias. A lógica do melhor desempenho financeiro passa a ocupar o vazio. “Com isso, qualquer espécie de conduta humana se torna permissível no instante em que se mostre economicamente viável, tornando-se “valiosa”; tudo o que pagar bem terá livre curso. Eis aí a essência do niilismo moderno” (BERMAN, 2003, p. 127).

O mercado mundial passa a orientar todas as ações humanas. Cultura e comércio se fundiram e passaram a se alimentar de forma recíproca (KUMAR, 1997). Desse modo, a própria cultura se tornou uma mercadoria para ser vendida e consumida. Os próprios artistas e intelectuais, até mesmo os mais subversivos e marginais, estão sujeitos a todas as vicissitudes da competição e a todas as flutuações do mercado (BERMAN, 2003).

Foi nesse cenário pós-moderno que, em 1970, John Lennon, em entrevista à Revista *Rolling Stone*, fez o conhecido anúncio: “o sonho acabou”. Uma atmosfera de pessimismo envolvia a conjuntura internacional da época: inflação, crise energética, estagnação econômica e tecnológica, Guerra do Vietnã e Guerra Fria. No Brasil, a

ditadura militar impunha uma situação de sufoco e medo: violação dos lares, censura prévia, suspensão de direitos políticos, exílios, prisões arbitrárias, tortura, “desaparecimentos”, assassinatos, batalhas inglórias e desiguais entre as forças da repressão e da guerrilha. Diante da crise de valores, Raul Seixas anunciava uma alternativa: o Novo Aeon.

O que é o Novo Aeon? A palavra **Aeon**, em latim, apresenta os sentidos de era, tempo, geração ou eternidade. Sua origem etimológica é a palavra grega **Aion**, que por sua vez é derivada de **aei**, “sempre”. **Aion**, um dos conceitos gregos de tempo, se reveste de diversos sentidos: tempo, duração da vida, vida, eternidade, idade, geração e século (PEREIRA, 1998). A palavra pode se referir tanto ao período que a pessoa já viveu, quanto ao período que a pessoa ainda viverá. Ou ainda, pode significar tanto o passado obscuro e distante quanto o futuro longínquo (PAIVA, 2000).

O sonho de uma nova era já estava presente nos movimentos contraculturais da década de 1960. Com o fim do sonho, Raul Seixas se apropriou da idéia do Aeon para formular o seu próprio projeto de uma sociedade alternativa. Em setembro de 1973, Raul Seixas e um grupo de amigos, influenciados pelo pensamento esotérico do escritor inglês Aleister Crowley (1999), fundaram a sua Sociedade Alternativa. Na época, a formação de grupos e ordens iniciáticas, esotéricas, era uma forma comum de reunir pessoas com idéias transgressoras. Sobre a sociedade, Raul Seixas escreveu:

Estamos começando um grande empreendimento e nossas portas estão abertas para qualquer ser humano que deseje unir-se a nós, não importando sua nacionalidade, religião, raça, bandeira ou cargo. Para isso foi comprado um terreno pela Sociedade Alternativa em Paraíba do Sul, onde construiremos “A Cidade das Estrelas”, cuja lei será “Faze o que tu queres...” (SEIXAS, 2005, p. 91).

“Faze o que tu queres”, lema de Aleister Crowley (1999), era o grito libertário – e libertino – da Sociedade Alternativa. Seus objetivos eram a paz, a liberdade e um mundo melhor. “Trabalho para sair da arapuca com todos os que estão querendo ser pássaros livres outra vez. Os que estão cegos ficarão soterrados dentro dela quando ela desabar”, afirmou Raul (SEIXAS, 2005, p. 84).

Em 1974 ele lançou o LP *Gita* (SEIXAS, 1974), quando, pela primeira vez, mencionou o Aeon em obra poética. Na primeira estrofe da canção “O trem das 7” ele avisa, em tom visionário:

Ói, Ói o trem  
Vem surgindo de trás das montanhas azuis  
Olhe o trem  
Ói, Ói o trem  
Vem trazendo de longe as cinzas do Velho Aeon

Um trem vem trazendo as cinzas do passado, do Velho Aeon. E esse meio de transporte é uma metáfora adequada para a mensagem que ele quis transmitir. A palavra **trem** tem origem no latim **tragere**, que apresenta os sentidos de tirar, puxar, arrancar, ou ainda, conduzir para cá (HOUAISS, 2006). O trem, ao indicar transformação, deslocamento e mudança de direção é metáfora ideal para o Novo Aeon. Na canção “Sociedade Alternativa” (SEIXAS, 1974), em tom alegre e festivo, ele anuncia o Novo Aeon pela primeira vez:

Viva! Viva!  
Viva a Sociedade Alternativa!  
A lei do forte  
Esta é a nossa lei e alegria do mundo  
Viva! Viva! Viva!  
Viva o Novo Aeon!

O próprio Raul apresenta uma explicação:

Hoje eu sei que é possível o Mundo Novo, porque estou sentindo que a semente libertária já foi plantada sem imposição; o próprio processo histórico, o próprio sofrimento humano, as condições, a falsa ética, as mentiras convencionais, dogmas enganadores, guerras, desgraças e opressões, a própria arbitrariedade da sociedade foram pouco a pouco denunciando o caminho do universalismo, da paz e da harmonia (SEIXAS, 2005, p. 85).

O processo histórico moderno – marcadamente belicista, opressor, arbitrário e autoritário, sufocante, gerador de violência, miséria, sofrimento e injustiça social – estaria se encaminhando para uma nova era, de paz e amor, igualdade, fraternidade e

liberdade total; a alegria do mundo seria a lei do forte, o “faze o que tu queres”. No ano seguinte, 1975, o artista lançou um LP denominado *Novo Aeon* (SEIXAS, 1975), com faixa-título homônima, na qual ele canta:

O sol da noite agora está nascendo  
Alguma coisa está acontecendo  
Não dá no rádio nem está  
Nas bancas de jornais

Em cada dia ou em qualquer lugar  
Um larga a fábrica, outro sai do lar  
E até as mulheres dita escravas  
Já não querem servir mais

Ao som da flauta da mãe serpente  
No para-inferno de Adão na gente  
Dança o bebê  
Uma dança bem diferente

O vento voa e varre as velhas ruas  
Capim silvestre racha as pedras nuas  
Encobre asfaltos que guardavam  
Histórias terríveis

Já não há mais culpado nem inocente  
Cada pessoa ou coisa é diferente  
Já que é assim, baseado em que você pune  
Quem não é você?  
Querer o meu não é roubar o seu  
Pois o que eu quero é só função de eu  
Sociedade Alternativa  
Sociedade Novo Aeon  
É um sapato em cada pé  
Direito de ser ateu ou de ter fé  
Ter prato entupido de comida que cê mais gosta  
É ser carregado ou carregar gente nas costas  
Direito de ter riso, de prazer  
E até direito de deixar, Jesus sofrer

“O sol da noite agora está nascendo”. A metáfora do sol, tradicionalmente, apresenta os sentidos de claridade, brilho, esplendor; estado de espírito positivo, alegria, felicidade, esperança; ou ainda, o guia que ilumina, dirige e lidera (HOUAISS, 2006). O sol é, pois, o guia que vai retirar a humanidade da noite representada pela racionalidade moderna. Nas palavras de Raul: “O Novo Aeon é um desses momentos em que a natureza e a ordem dos tempos determinam uma nova e fantástica mutação dos valores antigos” (SEIXAS, 2005, p. 100). E, para ver o novo, é preciso um olhar novo: “[...] os que ainda

usam olhos-velhos estarão sempre olhando o novo e aplicando seus mesmos valores velhos, pois o velho vê o novo com olhos velhos” (SEIXAS, 2005, p. 100).

“Alguma coisa está acontecendo/ Não dá no rádio nem está/ Nas bancas de jornais”. O movimento *Novo Aeon*, apesar de ser planetário, ainda não era, na década de 1970, um movimento de massa incorporado à indústria cultural. E, se alguma coisa acontecia, não existia um projeto coeso e organizado. A pós-modernidade se caracteriza muito mais por um protesto contra os valores modernos do que realmente por um movimento com propostas efetivas. Atualmente, o mercado capitalista, herança moderna, incorporou os valores pós-modernos. Desenvolveu-se um comércio voltado para produtos e serviços de slogan e estética hippie, punk, mística, esotérica, oriental, naturalista e ufologista. Até o turismo se vale disso, promovendo cidades no interior do Brasil onde, acredita-se, existem passagens secretas para outras dimensões ou outros planetas, onde viveriam civilizações espiritualmente mais avançadas.

“Em cada dia ou em qualquer lugar/ Um larga a fábrica, outro sai do lar”. É a libertação das águas gélidas do cálculo egoísta, o rompimento com o modo de vida imposto pela burguesia. Nas palavras de Raul:

Hoje eu sei que é possível o Mundo Novo, porque estou sentindo que a semente libertária já foi plantada sem imposição; o próprio processo histórico, o próprio sofrimento humano, as condições, a falsa ética, as mentiras convencionais, dogmas enganadores, guerras, desgraças e opressões, a própria arbitrariedade da sociedade foram pouco a pouco denunciando o caminho do universalismo, da paz e da harmonia (SEIXAS, 2005, p. 85).

“E até as mulheres dita escravas/ Já não querem servir mais”. A modernidade tem como característica o patriarcalismo machista. O **pater**, pai, representa autoridade e proteção. No Brasil colonial, por exemplo, o **pater** era o senhor de engenho que estendia seu domínio político, econômico e militar sobre a Casa-Grande, a Senzala e vastas extensões territoriais. Na Europa e nos Estados Unidos, o burguês dominador representava a figura paterna. A contracultura se contrapõe ao patriarcalismo, valorizando as mulheres e os valores femininos. Em 1975, ano do lançamento do disco *Novo Aeon*, a ONU organiza a Primeira Conferência Mundial das Mulheres, sediada no



México. Na ocasião propôs-se a criação do Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (<http://www.unifem.org.br>), fundado no ano seguinte.

“Ao som da flauta da mãe serpente/ No para-inferno de Adão na gente/ Dança o bebê/ Uma dança bem diferente”. Aqui, um jogo de palavras com múltiplos sentidos. Serpentão é o nome de um antigo instrumento musical, semelhante a uma flauta em forma de serpente. A serpente, na tradição cristã, representa o mal, o diabo, o inferno. Foi ela quem seduziu Eva a comer do fruto da árvore da sabedoria. Por outro lado, em antigas crenças pagãs, sobretudo em sociedades matriarcais, a serpente é vista como um animal vital e benéfico. E, além disso, na natureza, as serpentes não cuidam da prole. O filhote de uma cobra já nasce sabendo sobreviver sozinho. Por isso, a mãe serpente não impõe sua autoridade sobre os filhos. Assim, o bebê, que é o Novo Aeon, dança de modo diferente, livre do jugo de autoridades, desvencilhado dos antigos valores modernos.

“O vento voa e varre as velhas ruas/ Capim silvestre racha as pedras nuas/ Encobre asfaltos que guardavam/ Histórias terríveis”. O vento da transformação varre as ruas da modernidade. O capim silvestre representa as forças da natureza que querem reocupar seu lugar de direito, que foi usurpado pelo concreto e pelo asfalto. E esses asfaltos, as maravilhas do progresso técnico e científico, encobrem as histórias terríveis da modernidade: escravidão, exploração, guerras, terrorismo, miséria, fome e atrocidades sem fim.

“Já não há mais culpado nem inocente/ Cada pessoa ou coisa é diferente/ Já que é assim, baseado em que você pune/ Quem não é você?”. Raul Seixas disse que o *Novo Aeon* é o disco do caminho individual (SEIXAS, apud PASSOS, 2003, p. 108). Na nova era as singularidades são extravasadas. Não há mais norma, moral ou ética indiscutível. Se o sujeito moderno suplantou o Deus Pai, o indivíduo pós-moderno, livre da autoridade paterna, pode fazer o que quiser. “Não existe outro Deus senão o próprio homem”, afirmou Raul Seixas. “Faze o que tu queres, há de ser tudo da lei”, canta Raul, citando a **Lei de Thelema**, do escritor ocultista Aleister Crowley (1999).

“Querer o meu não é roubar o seu/ Pois o que eu quero é só função de eu/Sociedade Alternativa/ Sociedade Novo Aeon/ É um sapato em cada pé/ Direito de ser ateu ou de

ter fé”. Como o próprio Raul explica: “Cada qual é seu próprio dono e juiz, livre pra fazer e dizer o que nasceu pra ser” (SEIXAS, 2005, p. 100). É a mesma postura anárquica e libertária do homem indivíduo pós-moderno: “cada um de nós é um universo”, logo, qualquer proposta de padronização é “medo de saber que é lindo ser diferente de todos os demais” (SEIXAS, 2005, p. 179). Conclui Raul que esse é um processo radical de profanação de todos os valores a fim de encontrar a si mesmo como um ser alternativo (SEIXAS, 2005, p. 193).

“Ter prato entupido de comida que cê mais gosta/ É ser carregado ou carregar gente nas costas/ Direito de ter riso, de prazer”. Outro canto libertário. Desta vez, apregoando um hedonismo a fim de tentar superar o mal estar insuportável da herança moderna. Histórias terríveis do passado e do presente. É um grito contra censura da ditadura, que privou o brasileiro do direito de ter riso de prazer.

“E até direito de deixar, Jesus sofrer”. Podemos dizer que a proposta pós-moderna é inventar novos jogos sagrados, tentando expurgar os antigos valores, rompendo os grilhões, sempre em busca de alternativas para viver diante da crise de valores. Raul afirmou:

A Era de Jesus já passou, ele morreu na cruz, sofreu. Mas eu não tenho nada a ver com isso. É burrice ser infeliz e é inteligente sobreviver em pleno 1975. Aí, chamei a todos os meus fantasmas para a briga, fui lá no fundo e saquei a causa de tudo. Era o medo, imposto a mim desde criança. Hoje não sou feliz ou infeliz. Eu sou (SEIXAS, 2005, p. 193).

Se muitos modernistas consideravam a reprodução técnica da arte e a indústria cultural esterilizantes, Raul Seixas e os artistas pós-modernos adotam uma postura afirmativa diante dela. Raul usou a música como mídia privilegiada para expressar a sua poética do Novo Aeon: “Arte pra mim hoje é ligada a quem consegue atingir seus objetivos amplamente” (SEIXAS, apud BAHIANA, 2003, p. 28). A música ligeira, comercial, foi o meio de comunicação mais rápido e eficiente encontrado por ele: “Aprendi a fazer música fácil, comercial, intuitiva e bonitinha, que leva direitinho o que a gente quer dizer. [...] Combinar o rock de Elvis com o baião foi a fórmula certa para chamar a atenção. Mas foi apenas o começo” (SEIXAS, apud BUDA; PASSOS, 1992, p. 81). O sucesso não era a meta, apenas o início da trajetória: “Faço planos astronômicos.

Investir muito para poder muito; cada vez que eu subo no palco, saber que está caindo uma estrutura, um edifício na Vieira Souto, um general está morrendo” (SEIXAS, 2005, p. 75). Por outro lado, ambigüidades se revelam. Ainda em 1975, ele afirmou:

Não vou ser mais guru de ninguém. Já estive numa posição assim. Não quero. Não estou mais preocupado em fazer o “Novo Aeon” chegar, mudar as coisas... eu *sei* que vai chegar, eu não me importo, eu quero é saber de mim. No fundo, “Sociedade Alternativa” é isso, não é? (SEIXAS, apud BAHIANA, 2003, p. 28).

Se, por um lado, Raul Seixas apontava o Novo Aeon (Sociedade Alternativa) como saída da crise de valores pós-moderna e do sufoco ditatorial, de outro ele desapontava caminhos, num desbunde desconcertante como o da última citação. A canção “Novo Aeon”, enquanto seixo de sua arte, isto é, fragmento da pedra fundamental que edifica sua obra, ao mesmo tempo em que espelha a realidade do seu tempo, também apresenta a ficcionalidade do autor. A poética de Raul Seixas, nascida de experiências que brotam da concreta vida cotidiana, é impregnada de ressonância e profundidade místicas que a impele para além de seu tempo e lugar.

#### Referências:

BAHIANA, Ana Maria. Um estudo. In: PASSOS, Sylvio (Org). *Raul Seixas por ele mesmo*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BOSI, Alfredo. Sobre alguns modos de ler poesia. In: \_\_\_\_\_. (Org). *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 1996.

CROWLEY, Aleister. *Liber al vel legis*. Tradução de Marisol A. Seabra. Ordo Templi Orientis, 1999. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 06 Abril 2007.

HOUAISS, Antonio et al. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. 01 CD-ROM.

KUMAR, Krishan. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

PAIVA, Jair Miranda de. Virtualidades do tempo: aion, khrónos, kairós. In: \_\_\_\_\_. *Os tempos impossíveis: perigo e palavra no sertão*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2000.

PASSOS, Sylvio (Org). *Raul Seixas por ele mesmo*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

PEREIRA, Isidro. *Dicionário grego-português e português-grego*. Braga: A.I., 1998.

PROENÇA FILHO, Domício. *Pós-modernismo e literatura*. São Paulo: Ática, 1988.

SEIXAS, Raul. *Gita*. Philips/Phonogram, 1974. 01 CD de áudio.

SEIXAS, Raul. *Há dez mil anos atrás*. Philips/Phonogram, 1976. 01 CD de áudio.

SEIXAS, Raul. *Novo Aeon*. Philips/Phonogram, 1975. 01 CD de áudio.

SEIXAS, Raul. *O baú do Raul revirado*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.